

# tempos angustiosos



poemas eRráticos  
de  
José M. da Silva  
[2016-2019]

© 2019

o silêncio é eloquente  
falante  
tagarela  
inteligente  
consistente  
e coerente

o silêncio diz do outro e de si mesmo  
quando as palavras seriam só ruídos enervantes

o silêncio interpreta  
define  
descreve  
ilustra  
comprova  
e reprova

o silêncio tem poder  
mais que a divindade  
mais que a autoridade

o silêncio vem de dentro  
limpo  
desconvencionado  
incontaminado  
autêntico  
e sincero

o silêncio é verdadeiro  
seja do bem, seja do mal  
racional  
sentimental  
espiritual  
ou carnal

o silêncio é ódio e amor  
dolo e gozo

o silêncio é o nada que diz tudo

absoluto

infraudável  
infalseável

respeitoso ou irreverente

o silêncio é abandono  
o silêncio é desprezo  
o silêncio é reencontro  
o silêncio é confissão

paixão e emoção  
reflexão  
submissão, exploração  
tesão

o silêncio é necessidade  
esperteza  
consequência  
provocação  
carícia  
e agressão

o silêncio é preciso  
e preciso  
preciso

o silêncio é o tempo  
o silêncio é o lugar

ler o silêncio é saber  
ler o silêncio é conhecer

é mister ler o silêncio  
decifrar as entrelinhas  
o dito do não dizer

o silêncio é eloquente  
e é por isso que me calo

Rio, 2016

vidas distópicas  
buscas utópicas  
corpos tentáculos  
almas sem vida  
vida desprovida de vida  
entrada  
mise-en-scène  
homilia  
e saída

preciso pensar  
antes que me esqueça  
preciso agradecer  
antes que desvaneça  
preciso sentir  
antes que esmoreça  
preciso morrer  
antes que pereça

as raízes do mundo se afrouxam  
começa o dilúvio  
outra vez  
eram amarras podres  
desfortes  
esperado o rompimento  
o mergulho nas águas incertas  
volumosas  
tortuosas  
para não perder a rima  
para não perder a boia  
a boia das palavras que resistem  
só as palavras resistem  
até o sol aparecer  
em forma de lua lunática  
em euforia midiática  
entre nuvens esparsas de tempestade mediúnica  
satúrnica  
sons incompreensíveis da mente conturbada  
dessensibilizada  
de sempre  
comme d'habitude  
normal  
nada de novo  
de novo

tudo é só mais um ponto em uma linha torpemente desalinhada em curvincertas

as gentes no fundo são abjetas

o ser é somente um não ser que veio a ser e que em breve deixará de ser  
para sempre  
por todo o sempre

nada de mais  
nada demais  
na região limítrofe da loucura disfarçada de sucessos e fracassos diuturnos  
só o de sempre  
só a penumbra do ser  
do ter sem haver

enquanto os ruídos do dia passam em sucessão desordenada  
enquanto os ruídos da noite passam em sucessão desordenada

o hímen do intelecto se rompeu  
himeneu acorrentado  
ilusões perdidas de um desvelamento irrealizado da verdade  
e tudo não passou de tensão existencial

vida em versos que iniciam poemas inescritos  
aprendizado  
prática  
reflexão  
movimento desuniforme em progressão geodésica  
feiticeiras e aprendizes  
erros e acertos  
a busca da obra-prima enquanto há tempo

nunca há tempo  
nunca a tempo

e quando vem a inspiração  
a inspiração de todas as inspirações  
não há mais tempo  
só um vento árido  
e depois uma brisa suave  
diáfana  
um aroma de incenso  
doce  
intenso  
um vazio sonoro ensurdecedor  
agônico  
postônico  
calmante  
tranquilizante  
orgasticamente relaxante

e depois

uma última pitada de sentires vários  
suvenires de uma posteridade em ostracismo

e depois

a insensação  
a desação  
a sedução erótica do vazio  
o derradeiro arrepio

e depois  
só o depois  
nada além do depois

cruzado está o limiar da angústia existencial rumo à total insensibilidade recôndita aprazível

a não vida continuidade natural da vida  
vida e não vida  
mera questão de ponto de vista  
o lá e o cá  
o agora e o depois  
mera questão de ângulo  
de visão  
de interpretação

e depois a vida prossegue alheia à desvida recém-partida para a depoisidade recém-parida

como sempre  
como deve ser  
como sói ser  
como dói ser

Rio, 2016

É preciso viver na medida exata do tempo necessário para cada coisa. Ou algo assim.

Rio, 2016

## O espelho e você

*para Kika*

o espelho me dá de presente tua imagem  
sensual  
matinal  
comedidamente safada  
um seio  
pelo meio  
dentro da camisola que envolve teu corpo encostado à porta  
como se me convidasse  
como se me desafiasse  
como se me puxasse  
queria penetrar no espelho como alice  
e te abraçar suavemente  
a princípio carinhosamente  
suavemente  
acariciar tua pele por cima do tecido  
cheirar teus cabelos  
beijar teu pescoço  
beijo quente, saboroso  
sentir teu corpo se colando ao meu  
provocando  
incitando  
teus olhos se fecham para sentir melhor o meu contato  
nossos odores se misturam  
teu banheiro fica apertado na medida para nosso desejo  
não, não te quero nua hoje  
só o suficiente  
agora quem me olha pelo espelho é você  
teus olhos engolem meus olhos  
brilhantes de vontade  
tua boca sorri maliciosa  
ardilosa  
habilidosa  
não, hoje não haverá preliminares  
te quero por trás  
invasivo  
grosseiro  
direto  
abusado  
suspendo tua camisola  
o instinto te inclina na posição correta  
aquela que você conhece  
aquela que me agrada  
aquela que te excita  
nossos olhares se cruzando no espelho  
teu corpo se contrai quando te penetro sem aviso  
deslizo fácil para dentro de você  
aperto teu quadril com força  
beijo teu pescoço, minha língua na tua nuca, meu hálito quente em você  
teu sorriso no espelho me conhece  
me faz viril  
teus lábios desejam os meus lábios  
não, hoje não haverá beijo de bocas



hoje nosso beijo é efusivo, encharcado  
corpo dentro de corpo  
imploro por teu gozo no espelho  
no fundo dos meus olhos  
quero ver teu rosto se deliciando com teu homem se derretendo dentro de você  
tua dança sensual me deixa louco  
teus movimentos articulados em meu sexo  
não aguento mais  
teu próximo gemido será o meu sinal  
sim  
assim  
nós dois  
teu gozo no meu olho pelo espelho  
tua boca em ricto de prazer incontrolável  
sinto teus espasmos em meus espasmos  
dois orgasmos  
corpos unidos, últimos gemidos  
sentidos  
abraço tua alma nesse corpo que me deixa ensandecido de tesão  
estou grudado em teu cheiro, em tua voz, na textura de tua pele  
meu amor escorre por tuas coxas  
ainda quente  
você quer meu beijo  
finalmente  
e quando te viras  
tudo que vejo é tua imagem refletida no espelho novamente  
você me olha  
como se adivinhasse minha viagem  
em prenúncio  
em premonição  
em desafio  
cuidado  
em breve meus superpoderes podem me levar através da imagem  
através do espelho  
através de você

Rio, 2016

## Vinho e amor

*para Chris*

o vinho é o sangue do amor  
transita pelas veias  
desperta  
excita  
abre caminhos desconhecidos  
liberta  
convida ao prazer  
derrama-se pelo corpo  
espalha-se pela mente  
acirra a criatividade, a sensualidade  
inventa novas formas de explorar  
imaginação materializada em pele e sentidos  
contidos, preliminares, desveladores, preparatórios  
inibição dando lugar ao despudor  
carícias, desejos na ponta dos dedos  
mãos que afaçam, deslizam, apertam, machucam  
a boca passeia pelos pés  
início da jornada  
o sabor do vinho  
o sabor da pele  
mistura explosiva  
ativa  
a língua traça caminhos improvisados  
viscosa, ansiosa, gulosa  
o gosto do vinho já se confunde com teu suor, com tua expectativa  
teu corpo é a montanha inexplorada  
o vinho a trilha sonora com sabor de sinfonia corporal  
os sentidos se combinam  
as possibilidades me alucinam  
teus gemidos me convidam  
meu objetivo é teu prazer  
meu desejo é teu desejo  
a demora em percorrer teu corpo me delicia  
me enche de ousadia  
saboreio mais do vinho do teu corpo quente  
ardente  
teus músculos se contraem com minha passagem  
ordeno que não te mexas  
deixa-me devorar tua imagem com meus lábios dormentes deste vinho que tem a cor  
[do nosso pecado]

safado  
rasgado  
desaforado  
aguardado  
incontrolado  
derramo taças de vinho ao longo de você  
continuo corpo acima, membro a membro  
fico inebriado do teu ser  
tua passividade aparente me desafia  
mais  
mais  
já sinto teu cheiro inconfundível  
estou perto  
estamos perto  
bem despertos  
minha mente viaja em nosso deleite

mais  
quero mais  
mais de você  
até não poder mais  
mais vinho  
mais você  
sinto no gosto do vinho tua excitação  
teu silêncio complacente  
convidativo  
desafiador  
teu descontrole é visível  
teu autocontrole está por um fio  
sugo a poça de vinho em tuas costas e saboreio de perto o cheiro do teu suco  
a última gota sobre teu corpo indica o início da última etapa a ser percorrida  
estou pronto  
estás pronta  
estamos no ponto  
ebulição  
fruição  
não mais corpos  
só tesão  
você me pede  
insiste  
você se mexe  
remexe  
safada  
abusada  
amada  
vejo teu corpo ensanguentado  
e sei que é a hora de invadi-lo com o que resta de minha lucidez  
damos vazão a toda insensatez  
encharco-me de vinho de sangue de amor  
e penetro teu corpo arfante, suplicante  
sinto teu sabor com meu sabor  
aperto tuas carnes com força  
arranho tuas coxas, puxo teus cabelos  
você me quer cruel, impiedoso  
amante criminoso, violador  
eu obedeço, escravizado, usado, desabusado  
estamos incontrolláveis, indecorosos, licenciosos  
perto do fim  
a ida sem volta do amor carnal  
fatal, abissal, colossal, animal  
quero teu gozo no meu gozo  
quero teu prazer mais prazeroso  
macho e fêmea  
alma gêmea  
nos lençóis as marcas do desejo  
os rastros da exaustão, da paixão, sofreguidão  
sem freio, sem receio  
resquícios do vinho, do desatino, nosso sabor  
do sangue do amor

Rio, 2016

teu sorriso mergulhou  
nas ondas do mar  
terá-se afogado?  
foi-se refrescar?  
molhar esses lábios carnudos  
deixá-los mais salgados para meu prazer?  
ou talvez um modo de dizer  
me espera  
voltarei para te abraçar  
molhada  
pingando  
trarei o mar infinito em meu corpo  
para que você seja minha oferenda  
em cada gota que escorre do meu corpo  
enquanto isso aqui me posto  
a tua espera  
na areia da praia  
todos os dias  
tua espera me excita  
me prepara  
tua demora me anoitece  
no crepúsculo sensual  
imagino teu caminhar  
nua  
ainda que só existas  
em minha fantasia  
sai noite  
entra dia

Rio, 2017

poesia nua  
como a pedra  
como a planta  
que encara a chuva  
o frio  
o calor  
sem temor  
verso cru  
sem adornos  
direto  
contornos  
de malícia  
sem pudicícia  
poema pele  
poema carne  
poema osso  
poema fibra  
desvestido  
destemido  
agressivo  
calejado  
a poesia é como o amor  
só é boa quando dói  
quando  
desconstrói  
quando agride  
quando desperta  
quando excita  
quando é gozo  
quando  
é  
livre  
verso ácido  
implácido  
em pedaços  
em frangalhos  
e o que é a poesia  
senão a vida em detalhes  
em retalhos  
?  
!

Rio, 2017

palavras que cortam  
desamor  
desertos da alma  
entarde-ser  
ao longe um piano titubeante  
notas delirantes  
fumegantes  
pensamento errante  
o corpo dividido  
a mente tripartida  
trepanada  
estripada sobre a mesa  
sobremesa  
sobrevoo  
moscas famintas  
espreitam, abutram  
feições extintas  
o ser o não ser e o pós-ser  
demência  
desordem da existência  
algo está fora de ordem  
tesouros desenterrados não servem de nada  
só a busca interessa  
a procura  
a insaciedade que basta  
caminhos poeirentos  
agourentos  
agorentos  
desnível  
conflito  
incerta aridez  
o ser patético  
viver eclético  
para nada  
o fim sem fim no fim

Rio, 2017

são somente luzes que reverberam neurônios adentro  
vibrações que pulverizam a razão já desfocada  
é quando o ser se abre para a ebridade da pseudoexistência  
fragmentos de uma consciência equivocada  
há um discurso vazio de propósitos na modernidade de todos os tempos  
despido de pudor o pensar evapora em nuvens tumultuosas  
o ser anda distanciado das próprias entranhas  
perdido  
distradamente vaga pelas ruas de cidades barulhentas  
sangue jorrando na incompletude da infindável busca orgânica da moeda sarcástica  
ironia-mor da necessidade de subsistência  
sarcasmo necessário para a sobrevivência  
é só uma brisa seca e sufocante que sopra pelos degraus recônditos de escadas infinitas  
porque há um disfarce mascarado que deturpa as sensações  
vazias canções  
depois da caça vem a bonança da prepotência satisfeita  
hipocrisia  
homilia  
os olhos do dragão já perceberam o pavor desmesurado dos corpos em fuga  
enquanto isso o pensamento indormido dói  
a inconsistência do absurdo da vida queima a moral vetusta de governantes anacrônicos  
arde o fogo-fátuo de paixões ilusórias de culturas impostas tempos afora  
enquanto isso o delírio do sobrenatural afoga a natureza humana absorta em suas limitações  
esta é só mais uma época de desvirtude  
decrepitude  
e assim caminham os viventes  
nessas noites quentes  
inexiste cura para o pensar  
pensar é a maldição despejada cérebro adentro dos mortais que não deveriam ter nascido  
os demais apenas deslizam impensantes pelo mundo  
afoitos  
em desgraça ou em locupletância  
esvaindo-se em falsas liberdades  
crueldades  
no seio da moça jaz o paliativo para a dor universal  
mais abaixo o refúgio temporário para as dores do mundo  
o pensamento em geral só não dói quando é imundo  
porque profundo  
o ser só é verdadeiro no gozo e na dor  
ande seu desejo seja lá por onde for  
é quando o desconforto intocável derruba as barreiras que protegem o quarto escuro da mente  
incurável  
no mais  
é só uma forte luz indescritivelmente alucinante  
lancinante  
nada de preocupante

Rio, 2017

## faíscas de pensar

pulsam as veias  
cheias  
até se esgotar o desejo

até despontar o próximo beijo

o amor é lindo  
e findo

o antes é o começo do depois  
o importante é viver entre os dois

teu corpo agiota  
dívida infinita  
quero pagar  
até meu último centavo  
teu escravo

demorei a perceber  
quando vi  
não era mais você

teu silêncio é opressivo  
me sinto permissivo

de agosto a dezembro vou te amar  
depois não sei

o que eu queria mesmo é o isolamento completo  
inclusive de mim mesmo

muitas vezes o problema não é minha atitude  
mas sua expectativa

uma faísca. uma fagulha. tão breve. tão intensa. achei que trazia todo o sentido do universo. engano. de novo.  
só um lampejo. um brilho fugaz. uma lasca de verdade em meio à obscuridade. veleidade insana.  
excentricidade mecânica. pensar automático. errático. imaginação volúvel. a conta exata da imprecisão.  
e tudo logo volta ao normal. ao banal. trivial.

na divisa  
precisa  
abusiva  
entre o corpo e a alma  
existo  
resisto  
desisto

e como legado  
deixo à posteridade  
toda minha obra não lida

Rio, 2017



des-ser  
desfazer o viver  
a única maneira  
de existir  
desistir

o mundo inexistente  
o ser resiste  
num acorde  
num refrão  
no desvão – da mente

só na incoerência há paz  
só a loucura compraz

e quando nada dá certo  
existe a arte  
ou o desastre  
o que é dá no mesmo

Rio, 2017

beijos ao entardecer  
para aquecer  
amor no mar  
para ri-mar  
idílio

abandono  
esquecimento  
desmemória

em volta  
ódio e violência  
morte  
poder e dinheiro  
fome

abandono  
esquecimento  
desmemória

Rio, 2017

amar é possuir sem ter  
é perceber sem ver  
é morrer em pleno viver

Rio, 2017

o amor é uma invenção  
um disfarce  
para o próprio desejo  
amar é a ambição  
da própria satisfação  
amar o dinheiro  
amar o poder  
amar ao próximo  
amar a deus  
amar alguém  
amar a si mesmo  
por trás do amor jaz algum outro sentimento oculto  
medo  
ganância  
carência  
escapismo  
insatisfação  
fraqueza  
ou outra torpeza  
amar é buscar o inatingível  
e acabar aceitando o sofrível  
por isso o amor é dor  
e não há felicidade no sofrimento  
sendo assim, jovens,  
o amor não tem cabimento  
mas ser humano é fugir  
é se iludir  
então  
um brinde ao amor  
nossa eterna desculpa para seja lá o que for

Rio, 2017

## Poemitos de amor

*dedicados a quem pediu e ainda vou conhecer*

teus olhos me escutam  
com desejo  
minhas palavras articulam  
um ensejo

tua voz me domina  
teu corpo me alucina  
tua nudez me cala  
teu amor é o mar  
revolto  
tempestade  
nosso gozo é eterno  
primal, primordial

quero  
te  
ver  
te  
comer  
te  
beber  
esquecer  
do meu ser  
dentro  
de  
você

antes  
instantes  
durante  
rompante  
após  
só nós

o amor é uma flor  
beleza  
perfume  
chuva e sol  
contém o mundo inteiro  
de janeiro a janeiro

amor bom é o inesperado  
não planejado  
porque é o mais safado

Rio, 2017

## Versos da janela, para ela

*dedicado a quem pediu  
para K.*

a roupa  
a cor  
o estilo  
a saia realçando as curvas  
o corte na coxa  
reluzente  
seios firmes  
o corpo  
uma mulher atraente  
fisicamente  
não a que passava por mim  
essa é outra  
mais amor  
mais sabor

o rosto  
o cabelo  
o olhar  
direto  
perscrutante  
inquietante  
sensual  
contido e abusado  
uma mulher quente  
ardente  
não a que olhava pra mim  
essa é outra  
mais amor  
mais sabor

a voz  
proximidade  
o perfume  
a boca  
o sorriso  
as palavras  
conversa com texto  
contexto  
discurso com nexos  
conexo  
uma mulher coerente  
valente  
não a que estava distante de mim  
essa é outra  
mais amor  
mais sabor

observo  
analiso  
comparo  
ela antes, ela agora  
fantasio  
indecido  
investigo  
descortino  
uma mulher diferente  
convincente  
não a que insignificava pra mim  
essa é outra  
mais amor  
mais sabor

quisera deslizar as mãos  
por baixo do vestido  
sentir a rigidez das coxas  
o calor da pele  
quisera beijar a boca  
corpo contra corpo  
quisera fazer amor  
demorado  
suado  
despudorado

mas também  
mais além  
quisera saber  
conhecer  
o que pensa essa mulher  
seus desejos  
o que quer  
partilhar de seus segredos  
participar de seus enredos

nem só de amor vive o amor

essa mulher me atrai  
a nova, não a outra  
é uma mulher senciante  
sapiante  
não é mais a que se fechava pra mim  
essa é outra  
mais amor  
mais sabor

essa mulher vive um processo  
uma mudança  
se descobre  
se desvela  
se revela  
mais bela  
encontra  
o poder da liberdade  
a liberdade de poder  
sua essência aflora  
desadormecida  
exploradora  
caçadora  
uma mulher que sente  
gente  
não a que se escondia de mim  
essa é outra  
mais amor  
mais sabor

o tempo  
transformação  
pensamentos  
redemoinho  
indecisão  
confusão  
a mulher que dizia sim  
a mulher que diz não  
uma mulher recente  
nascente  
crescente  
potente  
não a que eu sabia de cor  
essa é outra  
bem melhor

Rio, 2017



o céu acorda inchado  
dolorido, desmotivado  
o sol escondido  
envergonhado  
a natureza enfadada  
descoragem  
começar tudo de novo  
um novo dia  
uma nova tarde  
trabalho em demasia  
desperdício  
e para quem?  
não vale a pena  
os rios correm porque é só o que sabem fazer  
o mar ondeia porque sempre fez assim  
o ar nos respira porque é o que lhe resta  
o caos urbano  
o cheiro podre da humanidade  
a vida empestada de insoluções, dissoluções  
insalubre a atmosfera  
fugiram os deuses, atônitos  
deixaram os medos, recônditos  
agora há umas poucas esparsas estrelas no firmamento  
um desconfiado entardecer  
esperança  
pouca  
imaginária, talvez  
luzes diáfanas do anoitecer  
semicobertas pela fumacinza de vômitos carbonizados  
mas ainda assim luz  
fraca  
escassa  
só a noite traz alívio  
no sono  
no abandono  
o deserto chuvoso do sonhar  
fantasiar  
um novo dia  
sem azia  
sem a atrofia do dia a dia  
uma vontade louca  
um desejo insano  
que a noite não seja insone  
que a felicidade noturna não me abandone  
um único pedido  
que a inconsciência seja eterna  
até o não mais acordar  
de uma existência varrida pelas areias da insatisfação  
que a madrugada urre em êxtase meu último foda-se  
em brinde a todos vocês

## Instante Alice

*para ?  
a pedido*

a vida é injusta  
incoerente  
por que estou aqui  
e você aí  
o mar e a lua  
distantes  
eu no espelho e você nua  
instantes  
flagrantes  
instigantes  
quero penetrar na imagem e não consigo  
impotência  
você aí e eu aqui  
eterno castigo  
o teu olhar  
no meu imaginar  
eu em você perdido  
aturdido  
enquanto o vapor deste quarto ardente veste teu corpo  
beldade  
e me traz de volta a realidade

Rio, 2017

## De Corpo e de Alma

*pour Nalini Narayan*

a nudez dos corpos  
corpo dentro de corpo  
corpo sobre corpo  
a intimidade mais íntima  
a entrega egoísta do gozo  
união de corpos  
quase amorfos  
usufruto  
morte e renascimento  
falta e complemento  
dois corpos em um só corpo  
desespero e calma  
e só então  
a nudez pura e total da alma

não se trata de amor  
invenção da cultura  
da literatura  
construção emocional  
justificação social  
posse e exclusividade  
falsa liberdade  
motor e freio das massas  
hipocritamente devassas

a real origem do universo  
duas essências que se atraem  
o humano e o divino  
um único canal  
a força sexual  
menosprezada  
vilipendiada  
deturpada

que seja resgatada  
em tantra  
em mantra  
o sexo a cores  
senhoras e senhores  
e quaisquer outros atores

o erotismo demasiadamente erótico  
aqui a verdadeira união  
aqui a verdadeira religião  
aqui se entoa o temido hino  
o erótico a religar o humano e o divino

Rio, 2017

a felicidade é relativa  
uma pedra  
um olhar  
um milhão  
a vida é relativa  
um plano  
o acaso  
o certo  
o errado  
existe um porquê  
talvez sim  
talvez não

Rio, 2017

um momento  
único  
vale a eternidade  
um olhar  
no gozo  
a única  
verdade  
da sanidade

Rio, 2017

ao fundo, as ondas murmuram suaves  
maresia, sol, suor  
corpos quentes  
fantasias ardentes  
o céu observa com seu azul de interesse  
o tempo, irônico, se apressa  
dedos se tocam por acaso  
os sentidos se aguçam  
as línguas se debruçam  
a tarde quente e o prazer intenso  
corpo dentro de corpo  
mar na carne sobre a carne  
suspiros, gritos abafados, urros desgarrados  
sobe a febre dos sentidos com a maré  
insanidade orgástica  
tempo sem tempo  
momentos de eternidade  
acaba o dia do prazer com o escurecer do tempo  
nuvens relaxadas, morosas, pasteis  
a lua traz o cansaço  
a noite o regaço  
o torpor  
o arrefecer  
do amor

Rio, 2017

há de se deixar levar  
pelo inusitado  
pelo inesperado  
há momentos de planejar  
há momentos de se deixar levar  
querer  
fazer  
viver

Rio, 2017

## A estilística de você

Tu e sua sedução  
Eu e minha devoção  
Olhar o olhar  
Tocar o tocar  
Sentir o sentir  
Ao longe um suspiro  
Um calafrio, um rumor de rio  
Aqui um desvario  
As horas passam  
Como se segundos fossem  
O tempo acaba  
O prazer acaba  
Tudo acaba  
Mas a vida segue, prossegue, persegue  
O sonho, o enigma, o delírio  
Pedra, morro, montanha  
Amor  
Esse espinho que entranha

Rio, 2017



vejo o mundo pelo prisma  
observador  
investigador  
pesquisador  
empatia  
telepatia  
distopia  
vejo pessoas e casais  
coisas concretas, seres imortais  
observo certezas e incertezas  
alegrias e tristezas  
investigo olhares  
gestos  
trejeitos  
pesquise o coração pela atitude  
da existência um voyeur  
do pensamento um flaneur  
perceber o desejo  
antecipar o ensejo  
decifrar o bocejo  
essa a tarefa de quem tudo vê  
deus por um lado  
belzebu talvez  
invisível  
transparente  
não hoje nem ontem  
sou o hoje  
o momento  
um desconhecido interessado  
devassando a intimidade distraída  
o acaso da visão  
percepção  
sou quem ama e quem odeia  
indiscreto  
vicário  
expertise  
hemoptise  
somos todos rimas fáceis  
já conheço todas as rimas públicas e privadas  
liberadas e travadas  
sou da noite  
sou do açoite  
súcubo de meu próprio íncubo  
desnudo  
irreverente  
insolente  
abusado  
ousado  
sou olhares  
avatars  
ruídos  
sou de um a virgindade  
de outro a promiscuidade  
avalio romances emergentes

prevejo amores destruídos  
desmascaro machões impotentes  
abomino fêmeas complacentes  
abraço amigos condoídos  
coletor palavras evanescentes  
decifro conversas incongruentes  
admiro corpos semoventes  
apago rostos tremeluzentes  
o entorno recende a jactância, timidez, incoerência  
barulho, moedas, decadência  
um pouco de verdade  
um pouco de obscenidade  
tudo pura necessidade  
lábios que se movem  
palavras gritadas  
sussurradas  
no fundo é tudo banal  
na essência é tudo mortal  
o copo na mão e o garfo na boca  
é tanta coisa para assimilar, desvendar, catalogar  
horas e horas de um eterno desfilar  
mas persisto  
insisto  
meus olhos a lente  
meu rosto a filmadora  
meu ser a editora  
a vida em volta é um movie sem the end  
só um enredo que me prende  
sinto no corpo o gosto do álcool alheio  
na pele a mão da moça  
no ventre o beijo sincero  
porque devasso  
agonizo no gozo alheio  
afogueado por coxas e seios  
— Mas não!  
voyeurismo sem tesão  
essa é minha profissão  
não se deseja a carne onde se ganha o pão  
preciso olhar  
sem cobiçar  
meu tesão é só imaginar  
e olhe lá  
porque ver o mundo pelo prisma  
é história sentida  
é sublimar a dor  
a própria solidão  
a própria devassidão  
sentir pelo outro é uma arte  
um disparate  
un'anima a parlare  
sottovoce  
só você  
fujo de olhares que me veem  
permaneço à distância, quieto, soturno

onisciente, ubisciente  
meu canto é meu castelo  
o ambiente meu véu que não desvelo  
vejo a vida e vejo a morte  
a ganância e a sorte  
o sul e o norte  
a costura e o recorte  
não julgo e não condeno  
nem santo nem pecador  
do universo um mero espectador  
sou perene, sou eterno  
sou o ser que ninguém vê  
o espelho imaginário de você  
o desafio do voyeur existencial é sua absoluta hamartia  
a essência de toda poesia  
deliciosa ambrosia  
ver o fundo do mundo pelo prisma  
chegada e partida  
perdurância  
o prisma do voyeur é sua própria desmedida

Rio, 2017

## Breve Epitáfio

E quando tu morreres,  
O que dirão de ti?

Quem foste?  
O que fizeste?  
Tua família vai chorar;  
Teus amigos,  
Conhecidos.  
E quem mais além desses tão óbvios?  
O que contarão de ti  
Além das piadas, das risadas  
Das bravatas, dos amores  
Das loucuras, dos temores?  
Ajudaste alguém?  
Ajuda sincera? Ajuda verdadeira?  
Ou os restos que não mais te serviam?  
Deixaste algum fruto de valor?  
Ou só família e filhos?  
Foram só esses teu orgulho?  
Passados cem anos, quem será tua memória?  
Qual será tua história?  
Tuas palavras calaram fundo?  
Mudaste o mundo?  
O que deste aos pobres  
Além de esmola?  
Além do um por cento que te trouxe fama efêmera e mais dinheiro,  
E uma aura de cidadão do bem?  
Foste bom?  
Foste mesmo?  
Segundo quais parâmetros além dos teus e dos teus iguais?  
Viveste para o céu ou para a terra?  
Fizeste por ti ou pelos demais?  
Andaste à frente ou atrás?  
Visionaste ou só imitaste?  
Qual será o teu legado?  
Livros? Problemas? Soluções?  
Leis? Boas ou ruins?  
Desgraças? Lamentos? Ou canções?  
O que dirão de ti por trás da convenção?  
Serás mera obviedade  
Ou um ser humano de verdade?  
Qual terá sido tua virtude?  
Ou foste somente fachada e atitude?  
Terás vivido em mistério?  
Deixaste um império?  
De que tudo isso te valeu  
Agora que você morreu?  
O que buscaste em vida:  
Poder, dinheiro, fama, amor?  
O que lucraste com tudo:  
Aparência, insegurança, agonia, temor?  
Fizeste alguém feliz

Que não os teus chegados?  
Quantos por ti foram realmente amados?  
Mas o que é amor? O que é valor?  
Se não um relativismo acadêmico, uma desculpa distorcida, envelhecida  
Para justificar com belas palavras a preguiça, a ganância e o egoísmo?  
Tua existência foi fuga ou heroísmo?  
Foste além ou ficaste aquém?  
Rimaste os versos de tua vida como todos os demais  
Ou criaste novos poemas seminais?  
Vegetaste pensando ter encontrado em conquistas sociais a tão almejada felicidade  
Ou abdicaste da tua alegria individualista e anonimamente ajudaste a sociedade?

Enfim, quem foste?  
O que fizeste?  
O que ganhaste?  
O que perdeste?  
O que deixaste?  
De novo: o que deixaste?

Por onde andaste quando em vida?  
Porque sabemos todos para onde vais agora:  
Para o nada, como todos nós.  
Pais, filhos e avós.  
Terá sido tua vida um grande nada?  
Será o mesmo a tua morte?  
Ou conseguiste mudar a tua sorte?

Fizeste a ti estas perguntas quando em vida?  
Ou serão por outros feitas após tua partida?

Quem és agora?  
Quem serás depois?

Rio, 2017

nada pedir da vida  
fama, poder e dinheiro  
só ser um ser inteiro  
nem, por inócuo, um grande amor  
somente, se possível,  
morrer sem dor

Rio, 2017

praça afonso pena  
uma da manhã  
ônibus demora  
faz frio, mãos nos bolsos  
o rapaz se aproxima  
sei o que vai acontecer  
olho em volta  
cabine da pm abandonada  
sorrio com a ironia  
não dá outra  
arma na barriga  
dói  
perdeu  
não sei por que mas não reajo  
passa a bolsa  
não sei por que mas digo que não vai rolar  
a pontada é mais funda na barriga  
dói  
e faz frio  
olho nos olhos dele e digo não vai rolar  
passa o celular; passa a carteira  
não vai rolar  
pode atirar  
estou puto, cansado, triste e de saco cheio  
atira e vai me fazer um favor  
nem sei como consigo dizer isso  
ele me olha  
olho nos olhos dele  
as mãos no bolso  
não conseguiria tirá-las de lá se o quisesse  
deve ser o frio  
sinto pena quando ele diz tenho que levar alguma coisa  
não vai rolar  
tem gente na praça  
tenta tua sorte  
de mim só vai tirar sangue  
não sei por que digo, mas digo  
ele me olha  
olho nos olhos dele  
ele se afasta  
estou anestesiado  
deve ser o frio  
não sei quanto tempo passa até chegar o 415  
dou minha única nota de 20 e peço desculpas por não ter menor  
sinto frio  
não registro bem o que se passa  
só vejo luzes no caminho  
chego em casa  
ainda faz frio  
não sinto bem o corpo  
mas a barriga dói pelo cano da arma  
isso vai ficar roxo  
melhor do que uma bala, penso  
faz frio  
acho que vou deitar

## Sempre que chove

em ouvindo *Everytime It Rains*  
de Randy Newman, na voz de Joe Cocker

sempre que chove lembro de você  
a noite escura  
o carro fechado às pressas  
quase no meio da rua  
você correndo pela calçada  
portão escancarado  
nossas roupas coladas  
grudadas no corpo  
você escorrega  
o tombo  
eu te levanto  
te levo no colo  
tua roupa nova enlameada  
enlameando minha roupa nova  
você chorosa, xingando  
te beijo  
você deixa, me beija  
começo a rir  
você também  
o aguaceiro inusitado  
a chuva desabalada  
a varanda alagada  
o muro baixo, convidativo  
de pé, um pensamento  
fantasia  
imprenso você no muro  
mãos que deslizam  
afagam, alisam, apertam  
você pura tensão  
alguém vai ver  
não vai, a chuva  
muito forte  
cortina  
espessa, protetora  
corpos molhados  
de chuva e de amor  
nosso amor escondido  
apressado  
desengonçado  
semiequilibrado  
meu gozo  
em teu gozo  
corpos vorazes  
cercados pela chuva  
o som forte da chuva  
o cheiro forte da terra na chuva  
o mundo abençoando nosso amor  
nosso abraço  
os cabelos pingando  
as roupas entreabertas  
o banho  
admiro teu corpo ensaboado  
uma obra de arte em andamento  
mármore e granito  
outra chuva que te lava  
enxugo teu corpo e o meu  
a cama quentinha



o abraço, suspiros  
sons acalmados  
relaxamento  
o sono do amor  
manhã de sol  
teu ser impresente  
o bilhete  
sair cedo, avião, volto amanhã  
tem café na cozinha  
não voltei a te ver  
a dor  
a saudade sem despedida  
sofrida  
promessas incumpridas  
sempre que chove lembro de você  
até que meus olhos  
parem de chover

Rio, 2017

o grito da alma  
mudo  
cruel  
a vida  
a vida  
desespero  
a voz inouvida do suicida

Rio, 2017

só o ser que dói é sensível  
só a dor compreende  
transcende  
o viver  
o choro liberta, alivia  
desanuvia  
faz mergulhar nas profundezas de si mesmo  
emergir curado, renovado  
das monstruosidades  
insensibilidades  
da existência  
o fundo do poço desmistifica  
tonifica  
a dor não vem para quem procura  
a dor vem para quem merece  
para quem ousa  
para quem arrisca  
para quem petisca  
só vem para quem vive com abrangência  
e incoerência  
tudo é necessário  
sofrer é essencial  
vital  
o isolamento é crucial  
solidão não é ser sozinho  
é conversar com seu íntimo vizinho  
embebedar-se com água e vinho  
só existe poesia na tristeza  
na estranheza  
estar triste não é ser triste  
é estar com a sensibilidade em riste  
o sofrimento abre a mente  
prevê o futuro  
mais seguro  
desmonta a ingenuidade  
a falsidade  
desinibe a verdade  
que a alegria anestesia  
promove a razão  
que a dor amplia

Rio, 2018

you have the sweet smell of the earth  
the love of the waves  
the tranquility of the sky  
blue  
nude  
like me  
like you  
you wake up sensors  
horrors  
temptations  
loves  
you eat me with your eyes  
I give myself without fear  
you are pure  
sensual  
affection  
reason and sensibility  
total happiness  
night and day, heaven and hell  
pleasure and pain  
moment and eternal  
world and fantasy  
you are my anesthesia  
synesthesia  
ecstasy, prophetic fear  
love is egoistic  
pleasure, pacifist  
dadaist  
you are my destruction and reconstruction  
my easy rhyme  
that corrects my inoperable  
inside you  
I see your soul with mine  
one generous, the other mean  
found and lost  
shoot and fall  
encounters and disencounters  
dry and wet  
sweet and salty  
cliché  
balance  
boom  
bouquet  
you and I  
we are good and evil  
the real and the unreal  
the predictable and the surprise  
with you I am past and present  
with you  
and only thus  
I am human

im bleeding  
hard  
i no not writ  
but i blood  
insid  
i blood for lif  
i blood for peopl  
bad and good  
i hurt for me  
i hurt for you

Rio, 2018

onde será que deixei meu coração?  
com as mulheres que amei  
nas ruas por onde andei  
ou nas empresas onde trabalhei?

onde será que deixei meu coração?  
já pouco me lembro  
nem sinto mais o vazio  
nem sol nem chuva, isso é o estio?

onde será que deixei meu coração?  
talvez o encontre  
fuçando as memórias  
reaparecerá em futuras histórias?

onde será que deixei meu coração?  
foi a corrida pela vida  
ou o preço da frustração?  
então...  
onde será que deixei meu coração?

Rio, 2018

Há muitas coisas numa só  
É preciso percebê-las todas

Há muitas cores numa só  
É preciso senti-las todas

Há muitas notas numa só  
É preciso saboreá-las todas

Há muitas delícias numa só  
É preciso lambê-las todas

Há muitas lágrimas numa só  
É preciso bebê-las todas

Há muitas escolhas numa só  
É preciso pesá-las todas

Há muitas razões numa só  
É preciso questioná-las todas

Há muitas certezas numa só  
É preciso refutá-las todas

Há muitas pessoas numa só  
É preciso representá-las todas

Há muitas vidas numa só  
É preciso morrê-las todas

Há muitas mortes numa vida só  
É preciso vivê-las todas

Rio, 2018

o que define a angústia  
se não a incerteza  
ou a descerteza?

o que traz a angústia?  
talvez o indesejo  
ou o des-ejo

o que causa a angústia?  
a própria impotência  
ou o desespero alheio?

o que alimenta a angústia?  
o desvelamento do verdadeiro eu  
ou a percepção do real?

o que é a angústia  
se não perguntas irrespondidas  
e dúvidas insanadas?

o que pretende a angústia  
a não ser desincoerência  
e a ultradesnaturalização do ser?

o que fazer com a angústia  
se não vivê-la intensamente  
angustiosamente  
até o fim  
seja ele qual for?

Rio, 2018



são tempos angustiosos  
incertos  
violentos  
grosseiros  
interesseiros

são tempos disfarçados  
medo  
intolerância  
obscurantismo  
dogmatismo

são tempos modernos  
iguais a tempos passados  
o ciclo se fecha  
o mundo apodrece  
no atraso  
no verniz tecnológico

são tempos futuros  
escuros  
ilhas de razão  
oceanos de paixão  
universos isolados  
ideias desgarradas  
vomitadas

são tempos de mudança  
como pregressas modernidades  
tudo muda  
e nada muda

são tempos indesejosos  
penosos  
nodosos  
lodosos  
enojosos  
preocupantes

são tempos entristecidos  
perdidos  
futuro indizível  
quase previsível  
sem conserto

são tempos angustiosos  
(in)deliciosos

e só

## DEVIR

o universo conspira  
o ser respira  
a poesia inspira  
procura-se a verdade  
a esmo  
a felicidade  
e só se encontra a vida  
que vive  
ao redor  
queira-se ou não  
viver é condição  
obrigação  
ainda que reação  
negação  
viver é experimentar  
sem medo  
o claro e o escuro, o sim e o não  
a vida é poesia  
tristeza e alegria  
tudo é poesia

Rio, 2018

Houve um tempo  
Em que o tempo  
Não era o tempo  
Era só tempo

Há olhos que veem  
E olhos que escutam  
Há bocas que descobrem  
Ha bocas que matam

Há amores que nos bastam  
Há amores que nos faltam  
Há amores banais  
Há amores ancestrais

Há vidas que se tocam  
Há vidas que se afastam  
Há vidas que se matam  
Há vidas a viver

Destino, destino meu  
Existe um fingidor  
Mais insano do que eu?

Há o mínimo  
E o excesso  
Há o beco  
E o acesso

Desver o ser  
Para  
Desvelar o existir  
Despermanecer  
Para  
Compreender o devir

Eu rimo sim  
Estou sofrendo  
Tem gente que não rima  
E está feliz

Absurdo  
O ator desnudo  
O sentimento mudo

Pois enquanto houver tesão  
Haverá solução

Você é o cão  
Disse o monge  
Au au ão  
Lati ao longe

E agora as últimas notícias  
Das desoladas primícias  
Das inacessíveis delícias

Mas antes  
Conquantes

Se beber  
Não dirija  
Redija

Pois

Milhares morrerão de medo  
E milhares morrerão sem crédito  
Mas você, homem de bem,  
Você morrerá também.

Rio, 2018

Pré  
Pós  
Eu  
Você  
Nós

Claro  
Escuro  
Eu  
Você  
Muro

Dentro  
Fora  
Eu  
Você  
Agora

Forte  
Suave  
Eu  
Você  
Nave

Longe  
Perto  
Eu  
Você  
Correto

Sempre  
Jamais  
Eu  
Você  
Demais

Muito  
Pouco  
Eu  
Sem você  
Rouco

Manso  
Medonho  
Eu  
Sem você  
Tristonho

Antes  
Depois  
Eu  
Você  
A dois

Anjos  
Quimeras  
Eu  
Você  
Feras

Não  
Sim  
Eu  
Você  
Assim

Todos  
Nenhum  
Eu  
Você  
Um

o tempo passa  
a vida passa  
tudo passa  
só não passa o que sinto  
nem o que pressinto  
e não é bom

gente vem e vai  
dinheiro vem e vai  
tudo vem e vai  
só fica mesmo a descrença  
e a desavença  
e não é bom

Rio, 2018

É o fim?  
Sim.  
Será rápido?  
Talvez.  
Já é hora?  
Agora.

Rio, 2018

beijemos o desprezo de ponta-cabeça  
na demência da procrastinação  
o des-sentido da existência  
pura paranoia esquizofrênica  
são palavras aleatórias atiradas ao cerne da questão

Rio, 2018



as pétalas mais importantes  
são as que caem das flores  
cumpriram uma parte da missão  
agora cumprirão a próxima

as folhas mais importantes...

a fase mais importante da vida  
é quando se cumpriu uma parte da missão  
pico explorado  
descemos ao vale  
e coexistimos com os vermes  
gerando vida nova  
em outra dimensão  
de eterno esquecimento

Rio, 2018

meu pai  
bebia  
escondido  
fugia  
da vida pouca  
insossa  
que lhe restava  
fugia  
de mim  
que sabia  
da cachaça  
meu pai  
bebia  
escondido  
furtivo  
fugia  
de mim  
que sabia  
de tudo  
tive pena  
depois  
larguei  
de mão  
era sua  
a vida sua  
e única  
sua diversão  
não importava  
a razão  
meu pai  
morreu  
acho  
infeliz  
sem dinheiro  
sem minha mãe  
morreria  
igualmente  
com  
ou sem  
a bebida

Rio, 2018

**Legado**  
[ou *De arrogância*]

quem é você?  
o que você fez na vida?  
que legado deixará para a humanidade?

descobriu a cura para alguma doença grave?  
inventou algo que mudou a vida de todos?  
escreveu um livro libertador?  
revolucionou a música?  
as artes em geral?  
acabou com a pobreza ao menos em sua cidade?  
promoveu mudanças sociais para mais respeito e inclusão?

não?  
então você é um merda  
como tantos outros  
só isso  
e nada mais

continuando,  
quem é você?  
o que você fez na vida?  
que legado deixará para a humanidade?

foi pai, foi mãe?  
educou seus filhos?  
trabalhou?  
juntou dinheiro?  
comprou casa, carro e conforto?  
estudou?  
fez doutorado?  
adquiriu bastante cultura livresca?  
conhece política, economia, cinema, literatura e música?  
fala outros idiomas?  
tem bastantes amigos?  
come e bebe e socializa?  
foi à igreja?  
virou representante da fé?  
seguiu a "moral" e os "bons costumes"?  
zelou pelos princípios em que acredita?  
seguiu o padrão geral?  
ah, mudou o padrão para você e seus seguidores?

sim?  
fez tudo isso direitinho?  
então você é um merda  
como tantos outros  
só isso  
e nada mais

prossequindo,  
quem é você?  
o que você fez na vida?  
que legado deixará para a humanidade?

construiu um império financeiro?  
ah sim, deu emprego a muitos?  
que bom, mas ficou com quase todo o lucro?  
ou dividiu a maior parte com os empregados que recebiam seu "salário de mercado"?  
entrou na política?

foi presidente?  
melhorou irreversivelmente a vida do povo?  
construiu um país melhor para todos?  
ou acha que construiu?  
mas só manteve o que sempre foi?  
foi alguma celebridade?  
fama? dinheiro e pessoas e "amigos"?  
divertiu as gentes?  
muita mídia? muitos *likes*?  
redes sociais?  
fez doações humanitárias? descontou do imposto de renda?  
foi atleta?  
ganhou medalhas?  
enriqueceu?  
vai morrer saudável e bem-cuidado?  
deixa os seus bem encaminhados?  
tem sucessores à altura de prosseguir com os negócios?  
com a família?  
sob os mesmos princípios morais?

é isso mesmo?  
melhor, é **SÓ** isso mesmo?  
então você é um merda  
como tantos outros  
só isso  
e nada mais

assim,  
saiba que nada disso é motivo de orgulho  
você viveu no egoísmo  
tudo para você e para os seus  
o bem que fez sempre foi em troca de algo  
julgar-se bom cidadão ou cidadã é pura arrogância  
você chafurda na lama da presunção  
na mesmice mundana estereotipada  
você empobrece a pobreza e enriquece a nobreza  
você dá sobrevida ao racismo  
você apoia a intolerância  
você justifica a escravidão  
você viveu, viveu e nada fez de relevante  
você é a continuidade do que sempre esteve, dos seus iguais  
apenas com nova roupagem  
mas dentro da mesma linhagem

de novo,  
quem é você?  
o que você fez na vida?  
que legado deixará para a humanidade?

insisto,  
você é um merda  
só isso  
como tantos outros  
como eu

pense nisso quando se sentir acima de alguém  
do alto de seu "progresso" e "superação"  
olhe-se no espelho da alma  
e pergunte  
quem é você?  
o que você fez na vida?  
que legado deixará para a humanidade?

para a humanidade  
não para você e aqueles a seu redor

em resumo,  
você não fez nada mais que sua obrigação  
manter-se e aos seus  
sobreviver e melhorar  
sua vida e a dos seus  
viver assim é o básico  
só o básico  
e nada mais

podia ter roubado?  
ter sido um drogado?  
alcoólatra?  
preso?  
assassino?  
foi nada disso?

ainda assim,  
nada mais que sua obrigação  
de viver segundo as leis  
sem ferir  
sem se prejudicar  
sem afetar demais os demais  
menos mal  
mas isso é só o trivial  
o esperado  
nada de muito expressivo  
nada a ser enaltecido

sim,  
no fim das contas,  
você é um merda  
só isso  
como tantos outros  
como eu

e isso carregaremos para o túmulo  
nossa existência vã e inócua  
ainda que com o verniz da evolução  
da superioridade  
da inteligência  
do mérito  
mas a verdade é que passamos sem deixar marca  
a marca eterna que atesta nossas realizações  
a marca que independe de nossa verdade  
porque no fundo é só isso que importa  
a nossa verdade  
e só

sim, é difícil  
sobressair  
deixar a mediocridade  
num mundo injusto  
agressivo  
díspar  
competitivo  
sem oportunidades para os lá de baixo  
para os incapazes, para os doentes  
sem sorte  
sem ajuda

mas o que dizer de quem tem a chance?  
a tal faça proverbial para cortar o queijo?  
e se acomoda?  
dá migalhas em vez de pão?  
vomita erudição e produz destruição?

trabalho?  
esforço?  
para quê?  
para quem?  
por quê?  
para dar vantagem ou tirar vantagem?  
para usufruir do comodismo de "ser um só"?  
de "não poder lutar contra o sistema"?  
de "não poder mudar o mundo"?

balela  
desculpas  
toscas  
esfarrapadas  
injustificadas  
desesperadas  
esburacadas  
condescendentes  
insuficientes  
insustentáveis

acha que fez muito?  
então deixe-me informar:  
não fez nada, não deixará nada  
nada de importante, de real valor  
você vai passar sem nome e sem galardão  
no máximo um nome de rua  
ou algo assim  
que grande vitória! que grande conquista! que existência fantástica!

pois é,  
resumindo,  
você é um merda  
arrogante, prepotente, (auto)bajulador  
pura e reles exibição de sabedoria ou bens materiais  
talvez você projete seus sonhos nos filhos – que igualmente serão merdas como você  
nada mais  
como tantos outros  
como eu  
como todos que vivemos em ilusão  
justificando nossa inação  
com nossa diária (auto)doutrinação  
e (auto)negação  
desejamos e pensamos ser o herói  
mas em verdade somos o vilão  
você e eu  
seres des-humildes, in-humildes, a-humildes  
vendo uma gloriosa e vitoriosa luz inexistente  
onde só há o desprezível e indiscutível breu

poesia nua  
    COMO a pedra  
    COMO a planta  
que encara a chuva  
    o Frio  
    o Calor

sem Temor  
verso cru

sem adORNOS

direto

contORNOS

de malícia  
sem pudicícia

POEMA pele  
POEMA carne  
POEMA osso  
POEMA fibra

des ves tido  
des te mido  
a gre ssivo  
ca le jado

a poesia é como o amor  
só é boa quando dói

quando

des

cons

trói

quando agride

quando desperta

quando ex-cita

quando é gozo

quando

é

e

i

VR

e

verso ÁCIDO  
implÁCIDO

em pedaços  
em frangalhos

e o que é a POESIA

senão a vida em detalhes  
em retalhos

?  
!

Rio, 2019

a folha cai  
para  
cai  
bate aqui  
bate ali  
cai  
na terra  
cinco segundos  
o olhar admirado

o tiro sai  
a bala viaja  
lépida  
reta  
certeira  
fura o peito  
mata  
cinco segundos  
o olhar estupefato

Rio, 2019